

**DOCUMENTO**



## SOBRE O CONCEITO DE VANGUARDA

CLARICE LISPECTOR  
Introdução de Suzi Frankl Sperber

### INTRODUÇÃO

#### A PALAVRA É UM IDEOGRAMA

Em 1971 pensei em convidar Clarice Lispector para falar a um público estudantil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. A Faculdade não tinha dinheiro. O empreendimento seria financiado pelo Centro Acadêmico. Pelo menos este era o projeto. Procurei falar com Clarice Lispector, coisa que fiz com a maior simplicidade - ou ingenuidade. Procurei seu número de telefone na lista telefônica do Rio de Janeiro. De fato encontrei um número. Disquei. O telefone tocou. Atendeu uma voz feminina. Pedi para falar com Clarice Lispector. Que não estava, informou-me a voz. Achei que não me restava outra alternativa a não ser explicar à voz o que procurava e esperar a boa vontade caritativa da voz para que o recado chegasse a Clarice Lispector. Falei e a voz ouviu-me pacientemente. Terminada minha explicação despedi-me. E a voz do outro lado começou a soar. Sim, havia ouvido o meu pedido - e a minha voz. Havia gostado de jeito e voz e precisava informar-me que ela, voz, era Clarice Lispector. Então, talvez pudesse atender-me.

Não cheguei nunca a vê-la pessoalmente. O Centro Acadêmico não teve dinheiro, pelo menos não o tanto para financiar passagens aéreas Rio-São Paulo-Marília-São Paulo-Rio, etc. Mas ela mandou-me a cópia xerox de uma conferência que havia escrito e proferido em alguns lugares do Brasil e nos EUA. Conservei a cópia, tendo o «cuidado» de transviá-la devido a mudanças externas e internas. Reencontrei agora o texto, que me parece por demais precioso para manter-se inédito.

Transcrevo-o com a grafia de Clarice Lispector de 1970-1971, apresentando as inclusões a mão, feitas pela própria Clarice Lispector (o texto encontra-se datilografado) entre colchetes e em itálico. Os trechos e palavras cortados por Clarice foram transcritos no corpo do texto, porém igualmente riscados. (Teriam sido lidos alguma das vezes em que apresentou este texto em público?) O texto não está datado, mas há uma informação ao fim dele, datilografada:

*"Texas - Brasília - Vitória do Espírito Santo - Belo Horizonte - Campos - (71) Belém do Pará -". Presumivelmente é, pois, de 1971.*

Parece-me extraordinário como Clarice descasca o rótulo de vanguarda. Primeiro, desnudando-o como rótulo, sentindo-se «alistada». Em seguida, revelando que a vida de todos é experimentação (ou deveria ser, mas Clarice é exata, generosa e coerente, despida de rótulos sobre a «massa» ou sobre as minorias, ansiosa por desvendar novas realidades e considera que «ninguém escapa»). Vanguarda não seria propriamente o conhecimento, fruto desta descoberta, mas a forma capaz de levar ao reexame pessoal, do Autor, ou coletivo, dos leitores, do conhecimento - o que carrega a forma consigo. A rigor, vanguarda seria vista por Clarice como a descoberta, consciente ou não, de conceitos novos sobre a realidade, como exercício pleno da liberdade. Nestes termos,

Clarice faz a pergunta arrojada sobre se o que foi vanguarda aqui seria visto assim por outros. Sua resposta é a contextualização local.

A referência à literatura brasileira pós-1922 poderia parecer desviar o rumo da reflexão de Clarice Lispector diretamente para o material literário. Ela não abandona, contudo, sua hipótese teórica, que é a de relacionar diversos pares de elementos: o conceito de vanguarda à experimentação; a experimentação à vida e à descoberta de novos sentidos da vida (realidade); a apreensão de novos conceitos ao conteúdo conhecido. Mas como vanguarda é identificada a mudança de forma, e como Clarice se pergunta sobre se é possível comunicar um novo conhecimento sem renovar a forma, ela conduz a argumentação para o conceito fundo-forma. Depois de mostrar o conceito como indivisível, como unidade feita de um duplo, Clarice encontra uma palavra que reúne este duplo sob o nome de tema, unidade indivisível de fundo e forma. Lispector nuança, a seguir, o conceito, percorrendo cronologicamente a produção da literatura brasileira posterior a 1922, como quem não quer nada. O novo tema-mais-que-tema (realidade nordestina) aponta para a apreensão de um modo de ser. O novo modo de ser vem de um novo modo de ver, que leva a uma mudança formal gradativa e lenta. Esta mudança se dá dentro do sistema da língua, mas produz sempre uma nova visão. Para Clarice, esta nova visão é exemplificada por Guimarães Rosa:

*Para mim êle é vanguarda. Pois criou uma linguagem que é subjacente à nossa, algumas vezes como se fosse um substrato de nossa língua, e que, por isso mesmo, na sua aparente estranheza, nós reconhecemos como tocando na nossa maior intimidade. Êle é de vanguarda porque se adiantou e precipitou nossa consciência de uma verdade que não é apenas lingüística, mas da pessoa brasileira. Somos, por enquanto, falsos cosmopolitas, e o interior do Brasil revelado por Guimarães Rosa está em cada um de nós, e tão bem revelado que atinge a altura de uma invenção.*

Entendo a nova verdade da pessoa brasileira contraposta ao falso cosmopolitismo. A revelação do interior do Brasil, quase que invenção, redime o homem interiorano posto à margem da sociedade - e até mesmo do sistema, por vezes. A nova forma de consciência atinge o modo de entender as posições sociais, morais e éticas pré-fixadas, contextualizando-as. A vanguarda que vem de dentro, e não de fora, não desloca o ser humano do mundo. É neste mundo que se dá o confronto-conflito-ascese diante da barata da Paixão segundo GH. A barata é metafórica, mas não a busca da transcendência. O movimento do mergulho em si é duplo, tem duas mãos, como o conceito de fundo-forma...: tem aproximações e afastamentos; imerge e emerge, entra em si para logo mais procurar a paisagem, como no poema de Marly de Oliveira, poema citado e lido por Clarice Lispector, segundo podemos ver no texto. Clarice não procura apenas a verdade da palavra, mas a verdade do ser humano, a sua própria e não como é visto por outros: «*Que será que faz com que certos rostos sejam inominavelmente a face verdadeira de um homem? e não apenas uma face?*» Esta verdade é referida ao mundo externo por falta de um referencial (memória) contaminado pelas verdades de outros e pelos artificialismos, transformado em longo silêncio. É verdade conquistada pelo «lúcido abandono», que apaga a memória organizadora. A noção nova é o «lúcido abandono», diferente da memória involuntária, capaz de deixar o ser humano indefeso, aberto para novas experiências, que saberá viver e entender com lucidez.

Clarice, repetindo sua condição de não especialista, argumenta numa tensa linha de raciocínio, lógica e arguta. Teoriza a partir de sua prática, que não é tão somente a luta com as palavras: é a busca de sua verdade interior. Sugere, ainda, que o tema seria a unidade indivisível necessária para pensar a literatura. Consistiria no modo de ver, a ser sempre renovado. Com isto Clarice aponta para um conceito literário que não é o de escola, ou moda literária, que não é espírito de uma época: só uma unidade indivisível de forma-fundo consistiria unidade literária mínima. A unidade indivisível, representando «modo de ver a realidade», tem algo de

temático. Esta unidade é referência para a renovação. Com ela dialoga o texto renovado, sem deixar de levá-la em conta. O conceito de ruptura também contém diálogo. Rompe-se com algo. Mas o diálogo não é tão automático na idéia de vanguarda. Daí a possibilidade de vanguarda poder ser confundida com modismo, que não renova.

Ao procurar definir vanguarda, Lispector chega até o trabalho com a língua:

*Estou chamando de vanguarda "pensarmos" a nossa língua. Nossa língua ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. "Pensar" a língua portuguesa do Brasil significa pensar sociolò-gicamente, [psicològicamente,] filosoficamente, lingüisticamente sobre nós mesmos.*

Clarice Lispector concebe que um verdadeiro estudo de linguagem implicaria conhecer com novos olhos e maior intimidade uma realidade - não lingüística. Sem possibilidade de divisões, que poderiam ser didáticas, porém arbitrárias. Sem que se possa estudar a língua independente do pensamento que a trabalhou - ou do trabalho que moldou a língua para verter certo pensamento. Pensamento, trabalho, conceito novo e linguagem, indissociáveis, integrados tão intimamente que são capazes de criar uma unidade que pareceria existir por si, em sua beleza:

*«[...] numa linguagem real, numa linguagem que é fundo-forma, a palavra é na verdade um ideograma».*

## SOBRE O CONCEITO DE VANGUARDA

*[Excelentíssimo Senhor Reitor, ilustres professores, senhores e senhoras,]*

Meus amigos,

Bem, tenho que começar por lhes dizer que não sou francesa, esse meu err é defeito de dicção: *[sempre]* tenho a língua presa. Uma vez esclarecida minha brasilidade, tentarei começar a conversar com vocês *[os senhores]*.

*[É]* com humildade *[que]* vou falar *[muito]* por alto<sup>1</sup> da literatura de vanguarda *[atual]* no Brasil: pois não sou crítica. *[Acabo de vir de um Congresso de críticos e tenho vergonha de falar de literatura]*.

O convite que me foi feito para uma palestra deixou-me honrada mas ao mesmo tempo a ponto de não aceitá-lo. Um convite como esse cabe mais a um crítico do que a um ficcionista. Ou pelo menos a um tipo de ficcionista que não é o meu. Nem toda pessoa que escreve está necessariamente a par das teorias a respeito de literatura e nem todos tem boa formação cultural: é o meu caso. Nem sempre o ficcionista está inclusive à altura de falar até sobre ficção. Ou é capaz de uma objetividade que resultaria numa visão panorâmica do que se faz nos diversos setores da literatura. Ou sabe estabelecer suas relações com as outras artes, a fim de poder dar uma idéia de um todo orgânico, cujas raízes são diversas e nem sempre imediatamente visíveis. E, de novo, este é o meu caso. Além do fato de eu não ter tendência para a erudição e para o paciente trabalho de análise literária e da observação específica. *[,]* Acontece *[acontece]* que, por circunstâncias internas e externas, não posso dizer que tenha acompanhado de perto a efervescência dos movimentos que surgiram e das experiências que se tentaram, quer no Brasil, quer fora do Brasil. Nunca tive, enfim, o que se chama verdadeiramente de vida intelectual. Até para escrever uso minha intuição mais do que a inteligência. Pior ainda: embora sem essa vida intelectual, eu pelo menos poderia ter tido o hábito ou gosto de pensar sobre o fenômeno literário. Mas também isso não faz parte de meu caminho. Apesar de ocupada, desde que eu me conheço, com o escrever - *[palavra riscada ilegível]* eu já escrevia quando tinha sete anos de idade - apesar disso, infelizmente faltou-me encarar também a literatura de fora para dentro, isto é, como uma abstração. Literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, *[os escritores,]* fazemos. E pensar agora em termos de literatura no que nós fazemos e vivemos, foi para mim uma experiência nova. De início pareceu-me desagradável: seria, por assim dizer, *[como]* uma pessoa referir-se a si própria, chamando-se a si mesmo *[pelo nome de]* Antonio ou Maria. Depois a experiência revelou-se menos má: chamar-se a si mesmo pelo nome que os outros nos dão, soa como uma convocação de alistamento. E, do momento em que eu mesma me chamei, senti-me com algum encanto inesperadamente alistada. *[Alistada, sim, mas bastante confusa.]*<sup>2</sup>

Não pude deixar de usar essa oportunidade de escrever um *[esse]* breve *[e superficial]* relato, somente para ter uma experiência pessoal que me faltava, além de todas as outras. O que espero, não chegará a prejudicar a conferência propriamente dita. Nada impede, suponho, que esta pequena tentativa de exposição me dê proveito e gosto: pelo menos alguém terá que se beneficiar. Talvez o que estarei *[estou]* fazendo neste relato *[palestra]* é *[seja]* o que se chama de «abrir uma porta aberta». Só que para mim era fechada.

---

<sup>1</sup> Há sinal de inversão: [...] vou muito por alto falar [...]

<sup>2</sup> A frase está escrita à maquina. Só os colchetes estão à mão, porém não há fechamento dos colchetes.

Nessa minha experiência fui de início levada a pensar - pela primeira vez com atenção - na palavra «vanguarda». E, por uma questão de auto-clarificação e auto-honestidade, precisei também tentar a configuração do que para mim significava uma vanguarda literária. Vanguarda seria, também, para mim, é claro, experimentação. Que eu estava alistada, já expliquei como; confusa, é o que explicarei. O que me confundiu um pouco a respeito de vanguarda como experimentação, é que toda verdadeira arte é também uma experimentação, e, lamento [*contrariar*] muito[s], toda verdadeira vida é experimentação. [*Ninguém escapa*]. Por que então uma experimentação era vanguarda e outra não? Vanguarda seria aquela que revertisse valores formais e tentasse, por assim dizer, um oposto ao que [*se*] estivesse no momento sendo formalmente feito? Era simplório demais, além de que tão raso quanto as modas. Quem sabe, vanguarda seria para mim a forma sendo usada como novo elemento estético? Mas a expressão «elemento estético» não se entende bem comigo. Ou vanguarda seria a nova forma, usada para rebentar a visão estratificada e forçar, pela arrebentação, a visão de uma realidade outra - ou, em suma, da realidade? Isso já estava melhor. Qualquer verdadeira experimentação levaria a maior auto-conhecimento, o que significaria: conhecimento. Vanguarda seria, pois, em última análise, um dos instrumentos de conhecimento, um instrumento avançado de pesquisa. Esse modo de experimentação partiria de renovações formais que levariam ao reexame de conceitos, mesmo de conceitos não formulados. Mas poderia também partir da consciência, mesmo não formulada, de conceitos novos, e revestir-se inclusive de uma forma clássica - e isso já contrariava o conceito de vanguarda, em estrito senso, como é geralmente configurado? Mário de Andrade já dizia [*falava*], como premissa da geração de 1922, o [*no*] «direito permanente» de pesquisa estética. A geração de 22 foi a mais acintosamente vanguardista do modernismo brasileiro.

Foi então que percebi que minha dificuldade sobre a matéria era muito mais funda. É que eu estava lidando com um assunto que é afim a duas palavras cujo significado nunca tivera muito sentido para mim: refiro-me à expressão "forma-fundo". São palavras usadas em contraposição ou em justaposição, não importa, mas significando de qualquer maneira divisão. E essa expressão "forma-fundo" sempre me desagradou vitalmente - assim como me incomoda a divisão "corpo-alma", "matéria-energia", etc. Sem nunca me deter muito no assunto, eu repelia quase de instinto esse modo de, [*como*] por [*exemplo*] se ter cortado verticalmente um fio de cabelo, passar por isso a julgar que o fio de cabelo compõe-se de duas metades. Ora, um fio de cabelo não tem metades, a menos que sejam feitas. Bem sei que usar divisão de "fundo e forma" talvez seja às vezes hipótese de trabalho, instrumento para estudo. Se também eu usasse esse instrumento, vanguarda então seria inovação de forma? Mas «inovação de forma» podia então implicar em conteúdo ou fundo antigo? Mas que conteúdo é esse que não poderia existir sem a chamada forma? que fio de cabelo é esse que existiria anteriormente ao próprio fio de cabelo? qual é a existência que é anterior à própria existência? Vendo-me tão confusa, então eu me propus, apenas para me facilitar e também apenas para hipótese de avanço meu, que para mim a palavra «tema» seria aquela que substituiria a unidade indivisível que é fundo-forma. Um «tema», sim, pode pré-existir, e dele se pode falar antes, durante e depois da coisa propriamente dita; mas fundo-forma é a coisa propriamente dita, e do fundo-forma só se sabe do ler, ver, ouvir, experimentar. Eu me propus: tema, e a coisa escrita; tema, e a coisa pintada; tema, e a música; tema, e viver. Foi só então que consegui me entender mais, e sobretudo entender melhor o modo como eu via o caso brasileiro: tive que por de lado a palavra vanguarda, no seu sentido europeu. Pensei, por exemplo, se o nosso movimento de 1922, o chamado movimento modernista, seria considerado vanguarda por outros países, em 1922 mesmo. Nesse movimento, a experimentação, característica de uma vanguarda, seria reconhecida como tal por outras literaturas? O movimento de 1922 foi movimento de profunda libertação, libertação significa sobretudo um novo modo de ver, libertação é sempre vanguarda, e também nessa de 1922 quem estava na linha de frente se sacrificou. Mas libertação é às vezes avanço apenas para quem se está libertando, e pode não ter valor de moeda corrente para os outros. Para nós, 1922 significou vanguarda, por exemplo, independente de qualquer valor universal. Foi movimento de posse: movimento de tomada de nosso modo de ser, de um dos nossos modos de ser, o mais urgente naquela época, talvez.

Eu vou ler Mário de Andrade.

### Ode ao Burguês

Mário de Andrade

~~Eu insulto o burguês! O burguês níquel  
o burguês burguês!  
A digestão bem feita de São Paulo!  
o homem curva! o homem nádegas!  
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,  
é sempre um cauteloso pouco a pouco!~~

~~Eu insulto as aristocracias cautelosas!  
Os barões lampeões! os condes Joões! os duques zurras!  
que vivem dentro de muros sem pulos;  
e gemem sangues de alguns milréis fracos  
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês  
e tocam o «Printemps» com as unhas!~~

~~Eu insulto o burguês funesto!  
? feijão com toucinho, dono das tradições!  
Fora os que algarismam os amanhã!  
Olha?  
Fará sol? Choverá? Arlequina!  
Mas à chuva dos rosais  
o êxtase fará sempre Sol!~~

~~Morte à gordura!  
Morte às adiposidades cerebrais!  
Morte ao burguês mensal!  
ao burguês cinema! ao burguês tãlbur!  
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!  
«Ai, filha, que te darei pelos teus anos?  
—Um colar... —Conto e quinhentos!!!  
Mas nós morremos de fome!»~~

~~Como! Come te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!  
Oh! purée de batatas morais!  
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!  
Ódio aos temperamentos regulares!  
Ódio aos relógios maculares! Morte à infâmia!  
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!  
Ódio a seus desfalecimentos e arrependimentos,  
sempiternamente as mesmices convencionais!  
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!  
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!  
Todos para a Central do meu rancor inebriante!~~

~~Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!  
Morte ao burguês de giôlhos,  
cheirando religião e que não crê em Deus!~~

~~Ódio vermelho! Ódio fecundo! ódio cíclico!~~  
~~Ódio fundamento, sem perdão!~~

~~Fora! Fú! Fora o bom burguês!...~~

Que tenhamos inclusive ultrapassado 1922, ainda mais o reafirma como movimento de vanguarda: foi tão absorvido e incorporado que se superou, o que é característica de vanguarda, e se a 1922 nos referimos historicamente, na realidade ainda somos resultado dele. O próprio Mário de Andrade, se ainda vivesse, teria incorporado a si próprio, ainda mais, o melhor de sua sadia rebelião, e seria hoje um clássico [*de*] si mesmo. O futuro de um homem de vanguarda é amanhã não ser lido exatamente por aqueles que mais se assemelham a ele: exatamente os mais aptos a entender sua necessidade de procura estarão amanhã ocupados demais com novos movimentos de procura. Pensando em vários homens de nossa vanguarda, ocorreu-me sem nenhuma melancolia que é então, exatamente, que o escritor de vanguarda terá atingido sua finalidade maior: se terá dado tanto e terá sido tão bem usado, que amanhã desaparecerá. Eu disse amanhã. Mas depois-de-amanhã - passada a vanguarda, passado o necessário silêncio - depois-de-amanhã ele se levanta de novo. E é claro que Mário de Andrade não desapareceu: 1922 não foi ontem, foi ante-ontem.

Continuando na mesma linha - de que vanguarda não pode ser entendida da mesma maneira em todo os países - penso que o romance de Graciliano Ramos, com sua linguagem límpida, pura, cuidada e já clássica, e ao mesmo tempo um José Lins do Rego, com o seu chamado desleixo de linguagem, foram, por exemplo, vanguarda para nós. E isso porque em ambos havia a descoberta da realidade do Nordeste, o que não existia antes em nossa literatura. Não estou dizendo que houve a descoberta de um «tema», mas muito mais que isto: houve um fundo-forma indivisível, fundo-forma é uma apreensão, e houve a apreensão de um modo de ser. O ciclo do Nordeste significou usar uma linguagem brasileira numa realidade brasileira. Isso tudo era ainda o resultado de 1922. Em 1922 o abrasileiramento e a tomada de nosso próprio modo, assemelha-se ao que aconteceu na literatura dos Estados Unidos: foi usar a linguagem americana, e não a inglesa, que levou a um novo modo de ver a realidade americana e a apossar-se desta, como só um fundo-forma se apossa. Para mim vanguarda seria, pois, um novo ponto de vista - mesmo que às vezes levasse apenas a mais um milímetro de visão. O novo modo de ver leva fatalmente a uma mudança formal - e agora estou, para melhor clarificação, usando a dicotomia de fundo e forma. E, ainda utilizando essa divisão: a vanguarda de forma modifica o conceito das coisas, mas há o outro modo de vanguarda, que é uma maneira de ver que vai lenta e necessariamente transformando a forma. Por exemplo: muitos jovens escritores nossos estão preocupados com a politização. Mas a politização para nós tem um sentido diferente talvez da politização em vários outros países. Para nós, politização é principalmente uma das ramificações da urgência de entendermos as nossas coisas no que elas têm de peculiares ao Brasil e no que representam necessidades profundas nossas, inclusive mesmo as estéticas. A raiva de muitos dos nossos «angry men» manifesta-se em revolta social: é para onde dirigem o desespero. Como quase todas as revoltas, esta é sadia. Mas que teria isso a ver com vanguarda literária, já que a literatura deles nem sempre é de vanguarda? É que eles vivem uma atmosfera de linha de frente, onde novos modos se esboçam. Pois de uma maneira geral - e agora sem falar apenas em politização - a atmosfera é de vanguarda, o nosso crescimento íntimo está forçando as comportas e rebentará com as formas inúteis de ser ou de escrever. Estou chamando o nosso progressivo auto-conhecimento de vanguarda. Estou chamando de vanguarda "pensarmos" a nossa língua. Nossa língua ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. "Pensar" a língua portuguesa do Brasil significa pensar sociologicamente, [*psicologicamente,*] filosoficamente, lingüisticamente sobre nós mesmos. Os resultados são e serão o que se chama de língua[*gem*] literária, isto é, língua[*gem*] que reflete e diz, com palavras que instantaneamente aludem a coisas que vivemos; numa linguagem real, numa linguagem que é fundo-forma, a palavra é na verdade um ideograma. É maravilhosamente difícil escrever em língua que ainda borbulha; que precisa mais do presente do que mesmo de uma

tradição; em língua que, para ser trabalhada, exige que o escritor se trabalhe a si próprio como pessoa. Cada sintaxe nova é então reflexo indireto de novos relacionamentos, de um maior aprofundamento em nós mesmos, de uma "consciência" mais nítida do mundo e do nosso mundo. Cada sintaxe nova abre então pequenas novas liberdades. Não as liberdades arbitrarias de quem pretende "variar", mas uma liberdade mais verdadeira, e esta consiste em descobrir que se é livre. Isto não é fácil: descobrir que se é livre é uma violentação criativa. Nesta se ferem escritor e língua[*gem*] [*, pois*] qualquer aprofundamento é penoso; ferem-se, mas reagem vivos. Muita palavra nossa, para ser traduzida, precisaria de duas ou três palavras estrangeiras que explicassem o seu sentido vivo; muita frase nossa, para ser traduzida, exige que se entenda também a entrelinha. Tudo isto significa para mim uma vanguarda. A linguagem está descobrindo o nosso pensamento, e o nosso pensamento está formando uma língua que se chama de literária e que eu chamo, para maior alegria minha, de linguagem de vida. Quem escreve no Brasil de hoje está levantando uma casa, tijolo por tijolo, e este é um destino humano humilde e emocionante. Eu não saberia, por exemplo, dizer se Guimarães Rosa é considerado estritamente de vanguarda ou se, como dizem vários, ele representa mais propriamente o que se chama de renovação do romance. Para mim ele é vanguarda. Pois criou uma linguagem que é subjacente à nossa, algumas vezes como se fosse um substrato de nossa língua, e que, por isso mesmo, na sua aparente estranheza, nós reconhecemos como tocando na nossa maior intimidade. Ele é de vanguarda porque se adiantou e precipitou nossa consciência de uma verdade que não é apenas lingüística, mas da pessoa brasileira. Somos, por enquanto, falsos cosmopolitas, e o interior do Brasil revelado por Guimarães Rosa está em cada um de nós, e tão bem revelado que atinge a altura de uma invenção. Descobrir é inventar, ver é inventar. O que se chama de parte formal em Guimarães Rosa me interessa sobretudo por causa disto. Temos fome de saber de nós, e grande urgência, porque estamos precisando de nós mesmos, mais do que dos outros.

É claro que, quando falo de tomada de nossa realidade, não estou nem sequer à beira da palavra "patriotismo", pelo menos na concepção usual do termo. Não se trata, nessa maior posse de nós mesmos, de enaltecer qualidades, [*de "ufanismo"*] e nem sequer de procurar qualidades. A nossa evidente tendência nacionalista não provém de nenhuma vontade de isolamento: é movimento sobretudo de auto-conhecimento, legítimo assim como qualquer movimento de arte é sempre movimento de conhecimento, não importa se de conseqüências nacionais ou internacionais. "Nossas várzeas têm mais flôres" - e este é um verso da "Canção do Exílio". o poema mais conhecido de Gonçalves Dias, figura importante do movimento romântico brasileiro - cedeu lugar à procura muito mais grave de constatações, a uma procura muito mais bela de nós mesmos porque é feita com esforço, rejeições, dor, espantos e alegrias - as alegrias da visão. Estamos muito mais realistas agora, no sentido em que estamos muito mais artistas. Hoje diríamos: nossas várzeas têm [*ainda*] flôres. Quem escreve e quem vive, sabe que isto não é fácil nem simples. Hoje inclusive nós sofremos as nossas flôres. Tudo isso para mim é vanguarda, ou, muito mais, é atmosfera de vanguarda: pois é assim que estou chamando o nosso crescimento, e assim estou chamando a nossa maturação.

Foi, por exemplo, em conseqüência dessa vanguarda geral que recebemos com o coração aberto a aparente secura de Carlos Drummond de Andrade. E este homem, tenho certeza, tocara qualquer pessoa que cresce, e em qualquer parte onde essa pessoa viva. Falei em aparente secura, e de como o recebemos tão fundamentalmente assim como se recebe uma seta seca e pura. É mais um indício de como há muito passamos da fase exclamatória e do modo apenas deslumbrado de tomar contato com a nossa vida. Mas os excessos de 1922, nesse sentido, foram inclusive absolutamente necessários para quebrar o pudor literário do amor por nós mesmos, amor que hoje é sobretudo visão e exigência. O abraço ostensivo e corajoso de Mário de Andrade em "Macunaíma", nos contos, e menor nos poemas, no que diz respeito à linguagem, cedeu lugar à intimidade familiar que Manuel Bandeira teve em relação a um jeito que já tínhamos e que não usávamos em literatura - uma ternura irônica pelo sentimentalismo, mas felizmente sem deixar de usufruir dele todo. "Sentimentalismo", aliás, é um modo nosso não totalmente traduzível pela

palavra estrangeira equivalente. ~~Uma das maneiras de entender esta nossa palavra é ler diretamente~~  
~~Manuel Bandeira.~~

### ~~O Anjo da Guarda~~

~~Manuel Bandeira~~

~~Quando minha irmã morreu,  
(Devia ter sido assim)  
Um anjo moreno, violento e bom,  
— brasileiro~~

~~Veio ficar ao pé de mim.  
O meu anjo da guarda sorriu  
E voltou para junto do senhor.~~

Em Drummond houve o divórcio ainda mais flagrante do declamatório. Drummond é a palavra nua, coberta somente por uma tênue camada: a da contenção da nudez. Drummond não se permite o êxtase, nem mesmo o do sofrimento - e nessa auto-privação êle nos dói ainda mais. Mas com isso não está nada dito sobre Drummond, nem como foi que êle nos guiou tanto. Por incapacidade minha de análise, eu não tentaria analisá-lo. Essa minha incapacidade me dá grande alegria pessoal, no caso: por não poder analisá-lo, é que fico com todo êle.

### ~~Poema de Sete Faces (fragmento)~~

~~Carlos Drummond de Andrade~~

[ler]

~~O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.~~

? Que será que faz com que certos rostos sejam inominavelmente a face verdadeira de um homem? e não apenas uma face? O que quer que seja, o olhar o vê e reconhece, e inominavelmente. Lendo Drummond, não um poema, mas acompanhando a sua obra, acompanha-se a profunda respiração de um homem. Êle é um guia, sem que eu saiba dizer em quê - e isto é vanguarda para mim. Se sua linguagem é de vanguarda, não sei, é questão de semântica. O caminho que êle faz dos primeiros livros a "Rosa do Povo", mostra a passagem de um tipo de poesia mais individualista para uma que busca "o outro". *[(Estou citando)]*<sup>3</sup>:

~~Como fugir ao mínimo objeto  
ou recusar-se ao grande? Os temas passam-  
eu sei que passarão, mas tu resistes,  
e cresces como fogo, como casa  
como orvalho entre dedos~~

---

<sup>3</sup> Não há fechamento dos colchetes.

na grama, que repousam.  
Já agora te sigo a tôda parte  
e te desejo e te perco, estou completo  
me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
e povo, meu poema, te atravessa.<sup>4</sup>

A [*Existe*] os que preferem o primeiro Drummond, outros dão maior relevo à poesia dita participante. O certo é que com liberdade genial ele continuou o seu caminho, e a [*seguiu-se a*] esse enternecimento social [*seguiu-se*<sup>5</sup> *uma*] poesia que é também uma reflexão profundamente vivida sobre [*estar no mundo*]<sup>6</sup> } [*a pungência de se estar no mundo*].

A vanguarda de 1922 continuou frutificando. Por exemplo, cito o romancista Adonias Filho, os contistas Dalton Trevisan, Murilo Rubião, Alberto Dines, [*Rubem Fonseca*], Marina Colasanti, Sérgio Santana, Luiz Vilela, ~~Moura Fontes~~. Destaco também, ~~como de vanguarda~~<sup>7</sup> a romancista e contista Nélida Piñon, ~~com seu estilo por vezes até áspero e agreste como fruta um pouco verde e adstringente, de tão incisivo que é seu modo de escrever, embora ela também seja capaz de usar palavras doces, maduras, e voluptuosas, Nélida já tem discípulos, cativados pela sua grande lucidez.~~<sup>8</sup> Trata-se de uma ficção feita por um profissional, no ~~melhor~~<sup>9</sup> bom sentido da palavra.

E há a grande poesia esplêndida e sêca e contundente de João Cabral de Melo Neto. ~~É dele parte do poema que se segue:~~

#### ~~Psicologia da Composição (fragmento):~~

~~Saio de meu poema  
Como quem lava as mãos.  
Algumas conchas tornaram-se,  
que o sol da atenção  
cristalizou; alguma palavra  
que desabrochei, como a um pássaro.~~

~~Talvez alguma concha dessas (ou pássaro) lembre,  
côncavo, o corpo do gesto  
extinto, que o ar já preencheu,~~

~~talvez: como a camisa  
vazia, que despi.~~

{~~Outro~~}

---

<sup>4</sup> O poema todo foi riscado.

<sup>5</sup> Riscado.

<sup>6</sup> Riscado.

<sup>7</sup> Riscado.

<sup>8</sup> Riscado.

<sup>9</sup> Riscado.

V

~~Vivo com certas palavras,  
abelhas domésticas.~~

~~Do dia aberto  
(branco guarda-sol)  
êsses lúcidos fusos retiram  
o fio de mel  
(do dia que abriu  
também como flor)~~

~~que na noite-  
(peço onde tombou  
a aérea flor)  
persistirá, louro  
sabor, e ácido,  
contra o açúcar do podre.~~

VI

~~Não a forma encontrada  
como uma concha, perdida  
nos frouxos areais  
como cabelos;~~

~~não a forma obtida  
em lance santo ou raro,  
tiro nas lebres de vidro  
do invisível;<sup>10</sup>~~

Quanto a uma crise em arte, existe como sempre e de um modo geral: falta de criatividade, falta de verdadeira originalidade. Procura-se substituir a originalidade por, entre aspas, "novidades", "modismos", como se fossem a mesma coisa. E existem alguns jovens escritores um pouco intelectualizados demais. Parece-me que eles não se inspiram na digamos, "coisa em si", e sim se inspiram na literatura alheia, na "coisa já literalizada". Não vão diretamente à fonte, seguem o resultado já tingido por outros escritores. Uma literalização da literatura, digamos assim. O produto é então falso e pretencioso. José Guilherme Merquior fala das "obras de vários poetas que já fazem vanguarda antes mesmo de saber gramática e exprimem o desespero do mundo sem ter desespero nem mundo."

Acho que existe também uma vanguarda forçada, isto é, o autor se determina a ser "original" e vanguardista. O que para mim não vale. Só me alegra muito a originalidade que venha de dentro para fora e não o contrário. Só a verdadeira vanguarda faz com que os vanguardistas possam ser chamados de contemporâneos do dia seguinte.

---

<sup>10</sup> O poema todo está riscado.

Mas há os que tocam com delicadeza na beleza e na verdade. Como por exemplo na poesia de Marly de Oliveira. ~~Vou ler um trecho de sua poesia:~~<sup>11</sup> [que não tem "modismos". Vou ler um trecho de um seu poema:]<sup>12</sup>

Como um ramo brilhante de violetas  
inquietas e azuladas, sóis de outono  
que a paisagem sem mira debruçava  
sobre o momento e o vinho dos assombros  
e sôbre as ervas úmidas que a chuva  
jogava nos meus olhos como sons,  
ou como um sonho pressagioso e raro,  
curvei-me sobre mim e nos amamos:  
eu e a distância sóbria que separa  
dentro do mesmo amor, o sol do outono,  
e dá cerne à paisagem, e fibra e prata,  
quando a memória são silêncios longos,  
disfarçando com formas sempre vagas,  
os rigores de um lúcido abandono.

É uma beleza.

Quanto ao fato de eu escrever, digo - se interessa a alguém - que estou desiludida. É que escrever não me trouxe o que eu queria, isto é, paz. Minha literatura, não sendo de forma alguma uma catarse que me faria bem, não me serve como meio de libertação. Talvez de agora em diante eu não mais escreva e apenas aprofunde em mim a vida. Ou talvez esse aprofundamento de vida me leve de novo a escrever. De nada sei. O que [me] "descontra" por incrível que pareça, é pintar, ~~sem~~<sup>13</sup> [é não] ser pintora de forma alguma, [e] sem aprender nenhuma técnica. Pinto tão mal que dá gosto e não mostro meus, entre aspas, "quadros" a ninguém. É relaxante [e ao mesmo tempo excitante] mexer com cores e formas, sem compromisso com coisa alguma. [É a coisa mais pura que faço.] Existe um escritor de renome, mas não vou dizer o seu nome, que escreveu o seguinte: "A literatura morreu. Dostoievski hoje seria um bom repórter". Fiquei surpreendida. Como estive num Congresso de Escritores e críticos<sup>14</sup>, em Brasília, perguntei a vários escritores o que pensavam a respeito. Por exemplo, perguntei ao prof. Benedito Nunes se a literatura morreu. Ele respondeu: "O fato importante, a meu ver não é que os Dostoievskis se transformem em repórteres. Os repórteres é que não podem mais hoje transformarem-se em Dostoievski. Quero com isso dizer que uma certa literatura acabou. No mais, creio na literatura, porque *credo quia absurdum*". - Não sei se eu disse bem a frase em latim. - Fiz a mesma pergunta a Mário Chamie. Respondeu: "essa pessoa, nesta questão de morte, não quereria significar que seria o literato que morre para a literatura e não vice-versa?" - Affonso Romano de Santana: "Sempre haverá literatura, porque sempre haverá sonho, sempre haverá mito. Não se escreve para a literatura, escreve-se para cobrir um vazio, vencer a descontinuidade. O que há não é a morte do romance ou da poesia, há a transformação dos gêneros. Não há gêneros esgotados, há pessoas esgotadas diante de certos gêneros". Sobre essa pessoa, Autran Dourado já respondeu: "Parece um campeão de natação que tenha desistido de nadar e tenha então dito que a piscina se esvaziou." E continuou: "A literatura é como Fênix: morre e renasce em metamorfose ou, como

---

<sup>11</sup> Riscado.

<sup>12</sup> Manuscrito.

<sup>13</sup> Riscado.

<sup>14</sup> Com minúscula.

dizia Silviano Santiago, em "**Metamorfoses**" - Elias José, mineiro de Guaxupé em Minas Gerais, onde é professor de literatura, disse: O Escritor é também repórter, mas a reportagem que ele faz torna-se mais eterna, pois há a captação da essência e não do que é apenas sensacional: há a ambigüidade da linguagem que torna a obra mais sugestiva que a própria vida.

E agora acabei. Acho que falei demais e não falei bem. Quero acrescentar que aceito perguntas, embora me conceda o direito de responder com um "não sei", quando realmente não souber. Obrigada por me terem escutado.

*Texas - Brasília - Vitória do Espírito Santo - Belo Horizonte - Campos - (71) Belém do Pará -*